Revista Latino-Americana de História, vol. 7, nº. 19 – jan./jul. de 2018
Unisinos - doi: 10.4013/rlah.v7i19.910– ISSN 2238-0620

PROTOMUTANTES NA ERA DA UTOPIA: OS COIOTES ANARQUISTAS DA SOMATERAPIA DE ROBERTO FREIRE

PROTOMUTANTS IN THE AGE OF UTOPIA: ANARCHIST COYOTES OF THE ROBERTO FREIRE'S SOMATERAPIA

Giovan Sehn Ferraz*

Resumo: Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, na qual procuramos compreender como surgiu e se desenvolveu uma técnica terapêutica de pretensão anarquista, a Somaterapia, a partir do ideário contracultural da década de 1970. Neste artigo, procuramos aprofundar uma das muitas questões que se abriram nesta pesquisa, isto é, como a categoria *protomutante* na obra de Roberto Freire relaciona-se com sua técnica terapêutica e seus ideais de anarquismo e revolução. Para isso, partimos inicialmente da análise da noção de *utopia* de Freire, passando pela delimitação do conceito de *protomutante* e, por fim, analisando a emergência da categoria *coiote* enquanto sinônimo deste último. Compreendemos, através das análises realizadas, que, apesar do esforço de delimitação conceitual, a categoria *protomutante* acaba por abarcar questões muito mais subjetivas em suas caracterizações, questões que remetem aos ideais de humano e sociedade compartilhados por Freire e seus somaterapeutas e clientes.
Palavras-chave: Roberto Freire. Protomutantes. Anarquismo.

Abstract: This work is part of a larger research, in which we seek to understand how a pretended anarchist therapeutic technique, Somaterapia, emerged and developed from the countercultural ideals of the 1970's. In this article, we seek to deepen one of many questions that opened up in this research, that is, how Roberto Freire's concept of *protomutant* relate with his therapeutic technique and his ideals of anarchism and revolution. For this, we start from the analysis of Freire's notion of *utopia*, passing through the delimitation of the concept of *protomutant* and, finally, analyzing the emergence of the concept of *coyote* as a synonym of the latter. We understand, through the analyzes carried out, that despite the effort of conceptual delimitation, the concept of *protomutant* ends up encompassing much more subjective issues in their characterizations, questions that refer to the ideas of human and society shared by Freire and his somatherapists and clients.
Keywords: Roberto Freire. Protomutants. Anarchism.

* Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor da Rede Municipal de Ensino de Ivoti – RS. E-mail: giovansf@gmail.com

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

Introdução

Os anos 1960 e 1970 foram marcados pelo rebuliço contracultural: a defesa de novas formas de luta e transformação cultural e social, pautadas no prazer e na urgência do presenteísmo. É recorrente a ideia de que o movimento da contracultura, de certa forma, "atualizou" alguns princípios anarquistas, principalmente no que tange à perspectiva de revolução desatrelada de governos e instituições. O ideário contracultural, e seu revisitar a antigos princípios anarquistas, acabou por influenciar os mais variados campos e áreas do conhecimento ao redor do globo nas décadas de 1960 e 1970, assim como nas décadas subsequentes.

Um desses campos é o das "terapias alternativas", que se opunha à medicina, à psicanálise e à psicologia convencionais, ao buscar formas "alternativas" de promoção da saúde, compreendida como não apenas bem estar físico, mas também emocional, psicológico e espiritual. Para Roberto Freire, criador da Somaterapia no Brasil, a terapia deveria visar também à transformação política e social, através de uma práxis de vida e de luta anarquistas. Compreendemos a Somaterapia, uma técnica terapêutica de pretensão anarquista e científica desenvolvida por Roberto Freire na década de 1970, como oriunda deste cenário contracultural e intimamente conectada a esse revisitar dos princípios anarquistas e ao contexto de emergência e expansão das chamadas "terapias alternativas".

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, na qual procuramos compreender como surgiu e se desenvolveu a Somaterapia a partir do ideário contracultural dos anos 1970[1]. O objetivo central da pesquisa foi buscar compreender como se deu esse surgimento e quais suas relações com a Contracultura, procurando analisar ainda as relações com as demais terapias alternativas emergentes no período e a articulação de um discurso científico em torno da Somaterapia. Este artigo trata-se, portanto, de uma reflexão subsequente a esta pesquisa, no qual analisamos com maior afinco como a categoria *protomutante* na obra de Roberto Freire relaciona-se com sua técnica terapêutica e seus ideais de anarquismo e revolução social.

[1] Esta pesquisa foi desenvolvida a nível de Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH/UFSM), sob orientação da Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber e com apoio da CAPES.

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

A Somaterapia, também conhecida apenas por "Soma", foi idealizada e desenvolvida por Roberto Freire a partir de experiências dentro do Centro de Estudos Macunaíma, junto aos teatrólogos Myriam Muniz e Sylvio Zilber e ao professor de arquitetura da USP Flávio Império, onde pesquisavam técnicas de desbloqueio da criatividade para atores. Segundo seu idealizador (FREIRE, 2002), a terapia nasceu a partir de seu contato pessoal com a técnica teatral de um grupo estadunidense de teatro, o *Living Theater*, em seu espetáculo *Paradise Now*, cuja técnica se baseava nas teorias de Wilhelm Reich[2]. A Somaterapia, segundo Freire e seus seguidores, busca libertar o indivíduo da neurose e das couraças musculares causadas pela sociedade repressora através de dinâmicas corporais, jogos teatrais e Capoeira de Angola.

Em nossa pesquisa, analisamos nosso objeto – a criação e o desenvolvimento da Somaterapia – em relação ao cenário contracultural, compreendido enquanto seu contexto de emersão. Compreendemos o conceito de contracultura como uma categoria dinâmica que abarca uma série de movimentos contestatórios, em diversas partes do mundo, a partir da década de 1960, cujos elementos definidores mais essenciais podem ser sintetizados nos seguintes: a internacionalização, a oposição à "cultura dominante" tanto capitalista quanto soviética, a crítica à "tecnocracia" e, por fim, a ânsia de síntese que leva estes movimentos a mesclarem influências as mais distintas, em processos humanos complexos e, por vezes, até mesmo contraditórios. (BOSCATO, 2006; CAPELLARI, 2007; CARVALHO, 2008; COLLOMB, 2012; CUCHE, 1999; KAMINSKI, 2009; LIMA, 2013; OLIVEIRA, 2007; PEREIRA, 1986; ROSZAK, 1969; SURI, 2009). No entanto, pensamos a ideia de contexto em nosso trabalho não em uma relação unilateral frente ao texto que é nosso objeto de pesquisa, como um bloco monolítico de causas e condições que propiciaram a emersão do fenômeno que estudamos, mas enquanto contexto dinâmico que interage com o objeto e que pode, portanto, a partir dele ser mesmo redimensionado. Compreendemos, dessarte, que não apenas o objeto que estudamos

[2] Wilhelm Reich (1897-1957), nascido em aldeia da Galícia, no então Império Austro-Húngaro, entrou em contato com a psicanálise enquanto ainda era estudante de Medicina, em 1920. Permaneceu junto à Sociedade Psicanalítica de Viena até 1933, onde elaborou as bases do que seria chamado de Análise do Caráter e Teoria do Orgasmo, articulando psicanálise e marxismo, e desenvolveu projetos de intervenção social: a Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual, em Viena, e a Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária (Sexpol), em Berlim, já em 1930, quando filiou-se ao Partido Comunista Alemão. Por divergir teoricamente de Freud quanto à origem social da neurose e por enfatizar os problemas psicológicos e sexuais gerados pelo capitalismo, em detrimento dos fatores econômicos, foi expulso da Sociedade Psicanalítica em 1933 e do Partido Comunista em 1934. Defendia que a neurose era causada por limitações ao potencial orgástico das pessoas, defendendo que o orgasmo total era condição primária para uma vida saudável. Publicou, dentre outras obras, *Psicologia de Massas do Fascismo (1933), A revolução sexual (1936), A função do orgasmo (1942)* e *Análise do Caráter (1949)*. (ALBERTINI, 2011).

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

emerge do contexto, mas que o próprio contexto emerge do objeto. (ARMANI, 2015; BOURDIEU, 2004; ROJAS, 2000).

A principal fonte de pesquisa utilizada constituiu-se pela obra bibliográfica de Roberto Freire, em sua autobiografia e principais romances, ensaios políticos e científicos. Porém, no decorrer da pesquisa, entramos em contato com uma bibliografia acadêmica de referência acerca da Somaterapia que utilizamos também como fonte, pois tais obras, constituídas por teses, artigos e dissertações, eram todas de autoria ou de somaterapeutas formados por Freire ou de clientes e admiradores da Somaterapia. Além dessas fontes, analisamos também algumas publicações impressas e virtuais vinculadas à Somaterapia, como o Boletim Brancaleone e o Jornal Tesão, alguns sítios eletrônicos de somaterapeutas e dissidentes, além de matérias, anúncios e referências encontradas no acervo online da Folha de São Paulo e outros veículos da imprensa.

Em quase todas as fontes, deparamo-nos com a emergência de questões de memória e identidade, principalmente em narrativas autobiográficas ou memorialistas acerca da história da Somaterapia e de seu criador. Na análise dessas narrativas, utilizamo-nos principalmente dos aportes teóricos de Bourdieu (1996), Pollak (1992), Alberti (2000), Catroga (2015), Rondelli e Herschmann (2000), Schmidt (2000) e Rojas (2000)[3]. Nossa pesquisa também foi determinada pela compreensão da história como ciência, tal qual defendida por Jörn Rüsen (RÜSEN, 2001; 2015), bem como da constatação e reconhecimento da incerteza inevitável do fazer científico e historiográfico (BLAU, 2011).

Ao procurarmos compreender como surgiu e se desenvolveu essa técnica terapêutica de pretensão anarquista, a Somaterapia, a partir do cenário contracultural da década de 1970, deparamo-nos com inúmeras encruzilhadas. Caminhos diversos do planejado abriam-se a todo momento, cada qual com infindas possibilidades de novos enfoques e aprofundamentos. Em nossa dissertação, tivemos de nos ater e nos limitar ao máximo aos objetivos iniciais, em vista das necessidades de recorte próprias de uma pesquisa de mestrado. Neste artigo, procuramos desenvolver uma das muitas pontas que ficaram soltas na dissertação, buscando compreender como a categoria *protomutante* relaciona-se com a Somaterapia e sua perspectiva de revolução social.

[3] Agradecimentos à Profa. Dra. Juliane C. P. Serres (UFPEL) e ao Prof. Dr. José M. R. Remedi (UFSM) pelas preciosas indicações.

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

Utopia, Anarquismo e Revolução

Em nossa pesquisa, tanto na análise da trajetória de Freire anterior à criação da Somaterapia, quanto nas análises acerca do surgimento e posterior desenvolvimento da técnica terapêutica, averiguamos um esforço narrativo de ordenação e coerência próprios do que Bourdieu chama de "ilusão biográfica" (BOURDIEU, 1996). Neste esforço, percebe-se uma tendência recorrente em essencializar e transpor aos períodos passados críticas, comportamentos e visões de mundo de momentos posteriores da vida de Freire aos períodos mais remotos de sua vida, ou, em outras palavras, discursos e argumentos que seriam desenvolvidos e aprofundados posteriormente na história da Somaterapia sendo transpostos ao momento de sua criação ou mesmo, por vezes, antes. Um dos elementos que mais sofre essa transposição é justamente o caráter libertário e anarquista, tanto da Somaterapia quanto de Freire, o qual por vezes demonstra compreender-se como um "anarquista visceral", desde sempre ou mesmo tendo assim nascido. Compreendemos que a categoria *protomutante* no pensamento de Freire emerge justamente como viés de essencialização deste caráter libertário. Veremos melhor como isso se dá na sequência, mas antes, façamos uma aproximação sumária à concepção de *utopia* na obra freireana.

Antes de utilizar claramente o termo *utopia* em suas reflexões, Freire já acenava nesta direção em sua primeira coletânea de ensaios políticos, *Viva eu viva tu viva o rabo do tatu!* (1977), na qual afirma-se, pela primeira vez, como anarquista. Argumentando que na sociedade "em que gostaria de viver [...] não existiriam as chamadas *neuroses* e *psicoses*" e que se dispensariam, "por inúteis", os psicólogos e psiquiatras (FREIRE, 1977, p. 264, grifo do autor), Freire cita algumas reflexões de Herbert Read sobre essa sociedade ideal, compreendida como "inevitável":

> O inevitável é a sociedade sem classes, uma sociedade sem burocracia, sem exército, sem categorias ou profissões fechadas, sem membros carentes de função. [...] não receberão como recompensa nenhum gênero de dinheiro nem haverá qualquer tipo de troca que permita a um homem dispor dos serviços de outro fora da organização coletiva. [...] O entesouramento de dinheiro e todas as formas de usura serão considerados como vícios naturais. O único objeto do trabalho seria o desfrute imediato; não haveria um excesso de trabalho em relação às necessidades naturais [...]. o trabalho estaria subordinado em geral à finalidade do gozo da vida, e seria considerado como intervalo necessário aos ócios do dia. (READ in FREIRE, 1977, p. 286-287).

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

Embora Freire afirme, mais de uma vez, que Read "sonha o mesmo anarquismo que eu", nessa e em outras passagens notamos uma ênfase de Read aos aspectos sociais, políticos e econômicos dessa sociedade ideal (FREIRE, 1977, p. 287). Como veremos na sequência, na defesa de sua perspectiva de utopia, Freire acaba por enfatizar aspectos mais pessoais, culturais, comportamentais e afetivos. Mesmo que vez por outra reafirme sua preocupação com a transformação social, notamos em seus discursos uma preocupação maior e mais latente em abordar aqueles outros aspectos da revolução.

Em 1984, após um período que, em nossa pesquisa, compreendemos como um "hiato" na história da Somaterapia[4], Freire publica, com Fausto Brito, o livro *Utopia e Paixão*, no qual inaugura sua noção de "política do cotidiano" e define com maior clareza suas perspectivas de transformação social, liberdade e utopia. Nesta obra, percebemos uma noção de utopia bastante próxima ao ideário contracultural, opondo à ideia de uma revolução futura uma perspectiva de revolução no agora, centrada na alegria, no prazer, no sexo, no comportamento:

> Todas as utopias tradicionais falam de uma "nova ordem", expressão frequente, por exemplo, em textos e teorias fascistas. E mais: se aquelas utopias se concretizassem, a vida seria, no mínimo, muito chata. [...]. Utopia, para nós, significa esperança. Mas esperança de realizar nossos sonhos de justiça e liberdade social, e, simultaneamente, alcançar plena e autônoma realização pessoal. Mas aqui e agora, num processo revolucionário, de ação revolucionária cotidiana, permanente, corporal, prazerosa, somática, através do encontro e exercício livre da nossa originalidade única. Portanto, para nós, a cidade ideal, o *topos*, já foi encontrado. É o nosso corpo, o *soma* de cada um. [...]. O mais precioso de nossa utopia é esse amor à luta, esta lúcida paixão por realizá-la e mantê-la ao nível de nosso próprio corpo, nas relações sociais em que estamos inseridos e nos movimentos sociais dos quais participamos. Luta e prazer são os caminhos e as armas para se atingir a utopia social, através da pessoal. Na verdade, quando se chega ao fundo da questão, descobre-se que a grande, a decisiva, a eterna utopia, a que tentamos decifrar e promover neste livro, é realizar a identidade existente entre o eu e o nós (FREIRE; BRITO, 1988, p. 86-91, grifo dos autores)[5].

[4] Este período é compreendido entre a publicação de *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu!* (1977) e a publicação de *Utopia e Paixão* (1984). Neste ínterim, há uma paralisação das pesquisas de Freire devido à "imposição lúdica" gerada por um enfarte sofrido em 1975 e, em 1980, Freire sofre um "deslocamento simultâneo das duas retinas", ficando temporariamente cego por cerca de um ano (FREIRE; BRITO, 1988, p. 10; FREIRE, 2002, p. 333). Devido à falta de maiores fontes e informações acerca de atividades no período de 1981 a 1984, compreendemos o fim do hiato apenas com a publicação de *Utopia e Paixão* em 1984.

[5] Segundo Freire (1991), o termo *Somaterapia* é inspirado no conceito de *soma* utilizado por Thomas Hanna na obra *Corpos em Revolta*. Para Hanna, segundo Freire, *soma* não significa apenas "corpo", mas "Eu, o ser corporal": "O soma é vivo; ele está sempre contraindo-se e distendendo-se [...]. Soma é pulsação, fluência, síntese e relaxamento. [...] Os somas humanos são coisas únicas que estão ejaculando, peidando, soluçando, trepando, [...] sofrendo, esperando, empalidecendo, [...]. Os somas são os seres vivos e orgânicos que você é nesse momento, nesse lugar onde você está. O soma é tudo o que você é, pulsando dentro dessa membrana frágil que muda, cresce

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

Percebe-se, além do mencionado, o foco no indivíduo e na realização pessoal. Embora seja apresentada como paralela à transformação social, em determinados momentos fica claro que o meio pelo qual esta é alcançada é a transformação individual, como na passagem: "[...] para se atingir a utopia social, através da pessoal". Essa questão também aparece no discurso dos autores acerca da "política do cotidiano":

> A política do cotidiano seria a política da busca simultânea da liberdade e da liberação, isto é, buscar a liberdade encontrando-se com o prazer. Recobrar as energias, fazer com que elas fluam pelo corpo, exige superação de bloqueios. Estes bloqueios são a corporificação de repressões externas interiorizadas. Para superá-los, então, temos de transformar nossa convivência e conivência com as relações de poder ou repressão nas quais estamos inseridos. (FREIRE; BRITO, 1988, p. 32-33).

Percebe-se, também nesta passagem, como o conceito de política do cotidiano está intimamente relacionado à noção contracultural de revolução "total" (interna e externa). No entanto, apesar do discurso de simultaneidade e igual valorização de ambos os aspectos, interno e externo, da transformação, observa-se um foco maior no indivíduo, isto é, no aspecto interior da revolução, uma vez que a transformação externa, da "convivência e da conivência com as relações de poder", é justificada a partir da revolução interior, como "moldura" necessária a esta. Em outras palavras, da forma como é apresentado no discurso dos autores, é a transformação individual que constitui o "verdadeiro" objetivo, colocando-se a transformação externa como apenas um pressuposto necessário àquela, uma vez que a liberdade individual "só será bem sucedida se emoldurada pela busca da liberdade coletiva". (FREIRE; BRITO, 1988, p. 19, 32-33). Percebemos, já aqui, como é deslocada na obra de Freire a perspectiva tradicional de revolução social para uma perspectiva contracultural de revolução a partir "de dentro", isto é, do indivíduo para o social, por vezes aparentando compreender-se inclusive o indivíduo como objetivo final da revolução social.

Em outra obra, *Tesudos de todo mundo, uni-vos!* (1995), há um capítulo, intitulado "Uni-vos pelo amor na Era da Utopia", no qual Freire destrincha uma outra discussão acerca

e morre, [...]". (FREIRE, 1977, p. 254-255). Esta passagem é reproduzida também, na íntegra, em Freire (1988, p. 22-24) e Freire (2002, p. 299-301). Assim, a Somaterapia seria, portanto: "a luta e o trabalho para liberar nosso soma do que impede sua autorregulação espontânea, seu crescimento e desenvolvimento natural. [...] Somaterapia é a utilização de técnicas e procedimentos que libertem e façam fluir harmonicamente a bioenergia por todo o ser somático, de modo que ele possa satisfazer suas necessidades vitais, pessoais, sociais e ambientais". (FREIRE, 1977, p. 256).

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

do conceito de utopia que nos fornece mais elementos para pensarmos como se articula esta categoria nas narrativas de Freire e como ela se manifesta nos postulados da Somaterapia. Neste capítulo, Freire parte do "sistema científico do argentino Nestor Eduardo Tesón, professor de filosofia da Universidade de Buenos Aires", no qual este filósofo teria mapeado sete níveis ou estágios da evolução dos casais e/ou famílias, partindo do período em que "hordas primitivas viviam em estágio protomental", passando pelo "sistema totêmico", pela institucionalização da família, pela família liberal, até chegar nos dias de hoje (isto é, entre as décadas de 1980 e 1990), onde "os centros de poder são cíclicos, há o controle da natalidade e a desintegração da família tradicional". Após este estágio, "depois da família atual, o homem se dirige para o que *os cientistas* chamam de Utopia". (FREIRE, 1995a, p. 67-69, grifo nosso[6]).

Segundo Freire, este último estágio por vir, chamado de "Utopia", seria "formulado seguindo as tendências de um mundo cibernético":

> No lugar do totalitarismo, a justiça permanente, o patrimônio comum das riquezas, o conhecimento global. Em vez dos clichês da família tradicional, a reciclagem permanente das consciências e das relações. Em vez do jogo e do desamor, a aceitação do risco e depois a transcendência. Em lugar da moral regulada pelos padrões da maioria, a solidão impenetrável e a moral ecológica. Na etapa da Utopia, enfim, as duas pessoas se amam, querem estar juntas, são responsáveis umas pelas outras, mas cada uma preserva a sua autonomia. Assumindo isso, viveremos o amor maduro, o amor autônomo. E os amantes serão, antes de tudo, amigos. (FREIRE, 1995a, p. 69-70).

Na sequência, Freire fala mais acerca "deste novo tipo de relacionamento – o amor em liberdade" e sobre como ele "já é uma realidade" (FREIRE, 1995a, p. 70). Nestas passagens, embora preocupações sociais, justiça e socialização das riquezas e do conhecimento apareçam, percebemos que a ênfase recai novamente sobre os aspectos mais pessoais dessa revolução, como as relações familiares e amorosas. Esta ênfase, como salientamos anteriormente, contribui para o deslocamento da antiga perspectiva de revolução social para o novo projeto de revolução cultural.

Os agentes dessa revolução cultural, que levaria à Era da Utopia, também divergem das prerrogativas marxistas e anarquistas do início do fim do século XIX e início do XX. Em Tesón, segundo Freire, há uma estratigrafia social bastante delimitada sobre a população do continente

[6] Por "cientistas", compreendemos que Freire refere-se apenas a Tesón. Em nossa análise da obra de Freire, averiguamos uma tendência recorrente de buscar legitimação "científica" a seu discurso e a sua técnica terapêutica, por vezes utilizando-se de artifícios literários como esse. (FERRAZ, 2018, p. 97-106).

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

americano (FREIRE, 1995a, p. 71). Enquanto que as elites comporiam 1% da população, a classe média alta 2%, os proletários representariam 48% e os "miseráveis" 22%, seria a classe média, constituída por 27% da população, que abrigaria uma minoria revolucionária, 5% da população total, que já estaria vivendo o amor em liberdade:

> Essas pessoas vivem consensualmente por convicção, diz Téson. Não querem o casamento religioso porque são anticlericais, as mulheres são feministas, os homens vivem o casamento aberto porque acreditam nele como forma futura de relacionamento humano. (FREIRE, 1995a, p. 71).

A transição à Era da Utopia ocorreria justamente quando esse "subgrupo rebelde" ultrapassasse a marca dos 5% da população, o que, para Freire, aparenta ser algo inequivocadamente determinado: "o resultado desta evolução será fatalmente a Anarquia" (FREIRE, 1995a, p. 71). Como veremos na sequência, o conceito de protomutante na obra freireana está intimamente atrelado a sua perspectiva de utopia e revolução; e ambos relacionam-se diretamente com o posicionamento político-ideológico dos somaterapeutas e da Somaterapia em si enquanto prática e metodologia de transformação individual-social.

Os protomutantes da era da Utopia

Retornando aos estratos sociais de Tesón, Freire afirma, sobre a camada rebelde dos 5% da população:

> Eu vejo esse subgrupo da classe média como os protomutantes descritos por Thomas Hanna, os mutantes culturais que irão criar a sociedade do futuro. Mas muitos deles já estão vivendo entre nós, sofrendo toda forma de repressões, mas com seu número e poder mutante aumentando sempre. (FREIRE, 1995a, p. 71-72).

Segundo Freire, seu conceito de "protomutante" foi retirado da obra *Corpos em Revolta*, de Thomas Hanna, na qual o conceito é utilizado para caracterizar e definir os novos seres humanos que estariam surgindo desde a Segunda Revolução Industrial, frutos de uma mutação cultural ou genética[7], e que viveriam de forma mais liberta e libertária os desígnios de sua espontaneidade e criatividade. Em *O tesão pela vida* (2006), temos uma exposição bastante didática e, ao mesmo tempo, bastante afinada com as demais obras, acerca do conceito de protomutantes:

[7] Em alguns momentos, Freire fala em mutação genética e, em outros, em mutação cultural.

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

> Os protomutantes culturais desprezaram o poder autoritário, passando a proclamar e a viver o tesão como a terceira dimensão fundamental da vida no Universo [ao lado da matéria e da energia]. E, estou seguro, serão eles os autores da revolução ecológica, que virá do futuro para o presente e desprezará totalmente a influência do passado, porque se trata de um fenômeno anti-histórico e antidialético, no sentido marxista clássico dessas duas expressões. [...] Sua consciência será polar. [...] em um extremo está a tendência natural social, [...] no outro extremo, está a sua outra tendência, também primária e natural, de se afirmar como individualidade, com realidade e identidade próprias. [...] Assim, constatando que o protomutante se orienta fundamentalmente por seu tesão, concluímos que terá de ser lúdico o seu viver cotidiano, que vai combater por pura vocação todas as formas de autoritarismo, que seu prazer serve mesmo é para amar e para criar, que sempre vai encontrar um jeito potente e competente para se associar e conviver [...]. (FREIRE, 2006, p. 310-311).

Percebe-se como se constrói um discurso que coloca os protomutantes, movidos pelo *tesão*[8], como os agentes centrais da revolução por vir, a qual "virá do futuro ao presente", sintetizando ânsias individuais e sociais, fazendo do prazer o elemento central na luta contra o autoritarismo. Percebemos que esta caracterização da protomutância não apenas encontra respaldo em outras obras de Freire como também relaciona-se intimamente com ideais anarquistas e contraculturais de revolução em voga nas décadas de 1960 e 1970, com o foco no prazer e no presente, diretamente opostos ao sacrifício e ao adiamento da revolução comunista, conforme percebida por aqueles.

No primeiro volume de *Soma: uma terapia anarquista* (1988), Freire, em um primeiro momento, traz uma definição indireta do conceito de protomutante. Isto é, sem utilizar-se propriamente da categoria "protomutante", define o grupo de sujeitos o qual o conceito busca abarcar:

> O indivíduo que nunca teve suas energias libidinais estruturadas de modo típico, ou numa direção de comportamento habitual, não pode ser considerado como tendo uma estrutura de caráter. Tais pessoas, muito raras, são difíceis de definir, caracterizar ou nomear. Elas têm uma vivacidade de expressão e uma espontaneidade que desafia qualquer tentativa de abrangê-las num rótulo. (FREIRE, 1988, p. 104).

[8] "Tesão" é uma categoria freireana que ganha especial ênfase a partir da obra *Sem tesão não há solução* (1987). A utilização denota certa afinidade entre os princípios da Somaterapia e a cultura juvenil em voga. Para uma análise mais apurada, cf. Ferraz (2018, p. 97-106).

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

Em nota de rodapé referente a este trecho, mais especificamente sobre o vocábulo "rótulo", Freire acrescenta: "No romance *Coiote* procurei descrever o personagem central com essas características"[9]. (FREIRE, 1988, p. 104). Adiante nesta mesma obra, Freire aborda, então, desta vez de forma direta, o conceito de "protomutante", citando longo trecho da obra da qual o retirou: *Corpos em Revolta*, de Thomas Hanna. Mencionando as influências da Antipsiquiatria e suas experiências próprias na área na década de 1970, com a "metodologia da vivência comunitária e libertária em substituição ao sistema senatorial autoritário", Freire salienta que passou a identificar nos jovens considerados "esquizofrênicos" "todas as características comportamentais que Hanna descreveu como sendo dos protomutantes culturais". (FREIRE, 1988, p. 179). Na sequência, disserta o autor:

> [...] no romance *Coiote*, tentei um esboço científico, veiculado literariamente, sobre o que seria a vida de um desses jovens se, ao contrário do que acontece correntemente na sociedade burguesa, o protomutante fosse reconhecido como tal, valorizado e protegido por um tempo suficiente para a liberação, exposição e ação de seus potenciais criativo, afetivo, sexual e social revolucionário. Retirei das vidas, dos sonhos, das esperanças e da dura realidade social de meus clientes os elementos necessários para compor a minha tese e caracterizar meu personagem. Nesse livro, no qual a ficção literária está misturada às minhas experiências pessoais e pesquisas científicas, proponho uma teoria para explicar os mecanismos geradores da "esquizofrenia". Para mim ela é o resultado da repressão ao potencial genético protomutante das pessoas, quando atingem sua maturação biológica e necessitam expressá-la incoercivelmente. (FREIRE, 1988, p. 179).

No segundo número do jornal *Tesão,* temos, também, a reiteração de que no romance misturam-se ficção e experiências pessoais[10]. Aqui, Freire fala sobre como a alcunha "Coiote" surgiu na Itália, quando Freire conheceu um rapaz adolescente que uivava repentinamente. Porém, "o jeito de ser e de viver" de seu personagem veio "de um cliente em Visconde de Mauá". Este cliente teria, inclusive, dançado nu em frente a uma vaca, hipnotizando-a, tal qual seu personagem faz no romance. (TESÃO, 1994a, p. 4). Segundo Simões, o romance *Coiote* "baseia-se na história real, de um jovem que fugira do hospício com auxílio de Roberto Freire, no início dos anos 1970". (SIMÕES, 2011a, p. 74). Segundo Freire, em sua autobiografia, este cliente seria o "Nando", com quem teria tido "a principal experiência de minha vida como terapeuta", porém, apesar de ter concordado em ajudar na fuga de Nando do sanatório, isso não

[9] Como veremos na sequência, "coiote" tornar-se-á sinônimo de protomutante na obra de Freire e nos círculos da Somaterapia.
[10] O que também ocorre com *Cleo e Daniel* (1966) e *Os Cúmplices* (1995-1996).

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

teria sido necessário, uma vez que a mãe do jovem teria conseguido convencer o marido a retirá-lo do sanatório para iniciar novo tratamento com Freire.

Compreendemos que Freire não ter afirmado seu papel nessa fuga em sua autobiografia vai diretamente contra a tendência à autovalorização observada no restante da obra, o que nos leva a interpretar ser improvável que a memória de Freire tenha, na autobiografia, distorcido os fatos justamente nessa direção. Simões, em sua dissertação, faz uma análise da reflexão anarquista de Freire através da perspectiva da estética da existência, de Foucault. Em seu trabalho, utiliza-se principalmente dos três principais romances de Freire (*Cleo e Daniel*, *Coiote* e *Os Cúmplices*), porém, também entrevistou os somaterapeutas João da Mata, Vera Schroeder e Jorge Goia. (SIMÕES, 2011). É possível que a afirmação de Simões de que Freire teria efetivamente auxiliado o cliente na fuga do sanatório seja mero equívoco do autor, ou ainda seja baseado em outras fontes que desconhecemos[11], porém, compreendemos ser possível também que tal afirmação reflita a valorização e a estima a Freire por parte de seus antigos assistentes e admiradores (o que é o caso do próprio Simões), o que acaba por desembocar em narrativas que, por vezes, distorcem os fatos exatamente no sentido de apresentar um Freire ainda mais heroico.

Os Coiotes de Roberto Freire

No romance *Coiote*, como vimos anteriormente, temos o esforço de Freire em produzir "um esboço científico, veiculado literariamente" sobre como seria a vida de um jovem protomutante se este não fosse reprimido pela sociedade (FREIRE, 1988, p. 179). Logo, temos neste romance interessante viés para compreensão do conceito de "protomutante" em Freire, através do personagem Coiote. Sua educação familiar, como Freire colocou, teria o protegido das repressões sociais por tempo suficiente para a liberação do potencial do jovem. Após Coiote ter uma crise e desmaiar no sítio de Rudolf, alter-ego de Freire, em Visconde de Mauá, este o leva para sua família, onde Coiote e sua mãe, ao reencontrarem-se, abraçam-se e beijam-se "na boca, como dois amantes apaixonados" (FREIRE, 1986, p. 142). Na sequência, a mãe de Coiote fala sobre a educação do mesmo, agradecendo a Rudolf por tê-lo levado a ela após a crise:

> Sou-lhe muito grata, doutor Flügel. Nem sempre ele pode ter essa sorte. Por isso o preparamos para poder pressentir a crise, buscar logo lugar seguro e,

[11] Em seu trabalho, Simões não explicita em qual fonte específica se baseou para fazer a referida afirmação. (SIMÕES, 2011a, p. 74).

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

> depois, procurar recuperar-se sozinho. O que não podíamos é, por causa desse problema que sabemos incurável, restringir a liberdade e a juventude de André [Coiote], os senhores não acham? Fazendo o que quer, indo onde quer, corre algum risco, sem dúvida. Mas essa é a vida dele, com seus prazeres e os seus riscos. Fazemos grande esforço, eu e meu marido, para não projetar em André os nossos medos e frustrações. (FREIRE, 1986, p. 143-144).

Para o narrador Rudolf, alter-ego de Freire:

> Essa mulher desmoralizava Freud e todo o seu complexo de Édipo. [...] Essa ausência de sentimento catastrófico, essa consciência tranquila do risco na liberdade, essa aceitação inteligente da relatividade dos poderes e limitações humanas, sobretudo em relação a filhos, aquele beijo sensual na boca entre mãe e filho, isso tudo, nunca que os judeus e os freudianos estão autorizados a viver sem medo ou culpa! (FREIRE, 1986, p. 144).

Na sequência, a mãe de Coiote fala mais a respeito de sua infância:

> Ele foi um menino normal, comum. Enquanto viveu só em casa, com a gente, não percebemos nada de estranho. Foi na escola e na rua que os outros começaram a notar diferenças, habilidades especiais, aprendizado rápido demais para algumas coisas e impossibilidade total de aprender outras. A sua absoluta sinceridade é que causava maior problema. Não com as outras crianças, mas com os adultos e as professoras. (FREIRE, 1986, p. 147).

Dentre as "habilidades especiais" de Coiote, tem-se, por exemplo, o exímio talento para a natação e a música. Na natação, diz sua mãe que "ele ganha sempre. Podia ser campeão olímpico, disseram alguns treinadores norte-americanos quando ele estudou lá. André não quis. Ele odeia competições. Só assim, de brincadeira...". Na música, cita-se episódio em que Coiote tocara guitarra na escola, parecendo Jimi Hendrix e provocando "delírio coletivo nos colegas e mestres". Posteriormente, Coiote explicaria para Rudolf que só havia tocado ao vivo aquela vez, "tudo improvisado", "brincando com as composições e o jeito de tocar dele [Hendrix]". Além disso, afirma também que não sabe "porra nenhuma" de música, apenas tem "um jeito diferente de tocar". (FREIRE, 1986, p. 145, 96, 160).

Percebe-se já o quanto associa-se na narrativa o "jeito de ser" de Coiote com a espontaneidade, a criatividade e a liberdade, em uma aproximação direta com o que se compreende por "Natureza", manifesta no brado de Coiote, em dado momento: "A Natureza me fez e me quer assim!" (FREIRE, 1986, p. 188). Essas características aparecem também na relação de Coiote com o conhecimento socialmente acumulado. Em diálogo com Rudolf, Coiote afirma:

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

> Gosto de ouvir as pessoas que sabem e gostam de falar do que sabem. Mas acho que não aprendi nada com meus professores nem com os livros que estudei e li. Gosto das coisas que eles sabem, e do efeito que produzem em mim só na hora, saca? É como ir num concerto de orquestra... ir num balé. Cê vai no concerto de balé, cê curte pra cacete, mas eles não me ensinam a compor, a reger, a tocar qualquer instrumento, nem a dançar. Na verdade, eu não quero aprender nada. *O que eu preciso pra viver, já nasci sabendo e é só deixar sair*... (FREIRE, 1986, p. 243, grifo nosso).

É visível como Freire constrói o personagem Coiote, assim como sua compreensão de protomutância, não apenas a partir de pesquisas e referências teóricas, mas também de suas próprias opiniões e experiências pessoais, que muitas vezes antecedem a construção teórica. As pesquisas de Freire que circundam o desenvolvimento da Somaterapia e a formulação de seus princípios datam do início dos anos 1970. Porém, em *Cleo e Daniel* (1966), temos um equivalente bastante similar à relação de Coiote com o conhecimento acumulado. Em dado momento, o personagem Benjamin fala a respeito de Rudolf, alter-ego de Freire: "Lê como quem bebe água... Mija logo quase tudo, retendo só o que lhe é indispensável, isto é, o que já sabe" (FREIRE, 1973, p. 54). Em *Os Cúmplices* (1995), também temos um equivalente, na fala do personagem Sérgio: "Tem coisas que não se pode ensinar aos outros, se as pessoas já não tiverem a coisa pronta, mas esquecida dentro de si" (FREIRE, 1995b, p. 224).

Percebe-se, assim, que a categoria "protomutante" por vezes parece aproximar-se mais de uma opinião pessoal de Freire, provavelmente compartilhada com seus clientes e assistentes, acerca de como são ou deveriam ser as pessoas que compartilham de seu ideal libertário de vida, que de um conceito elaborado e construído formal e teoricamente. É dessa forma que o termo se difunde – por vezes sob a alcunha "coiote" enquanto adjetivo sinônimo a protomutante[12] –, sendo utilizado para designar os jovens somaterapeutas e clientes, ou ainda características do próprio Freire. Ainda em *Coiote* (1986), o personagem-narrador Rudolf, ao ouvir as explicações da personagem antipsiquiatra Rosário acerca da protomutância, afirma que as mesmas lhe faziam sentido, afirmando: "Imaginei-me logo um coiote contrariado, travestido [...]". (FREIRE, 1986, p. 137). O termo protomutante também aparece no primeiro número do jornal *Tesão*: "A Casa da Soma é um tesão: bonita, alegre e prazerosa. O TESÃO é a casa dos

[12] "É muito fácil, hoje, identificá-los. Meus parceiros e clientes da Soma os chamam de coiotes, porque os descrevi através de um personagem protomutante e anarquista em meu romance *Coiote*" (FREIRE, 1995a, p. 72).

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

protomutantes – pessoas novas e jovens que lutam pela sua libertação e afirmação."[13] (TESÃO, 1993, p. 2, grifo nosso).

Em sua autobiografia, Freire deslinda a relação da Somaterapia com os protomutantes, reconhecendo também em si mesmo um componente de protomutância:

> A Soma [...] trabalha especialmente procurando descobrir o estágio da evolução de cada jovem em direção ao protomutante, para ajudá-lo a alcançar o desenvolvimento ainda em sua geração. Claro que existem já protomutantes completos, prontos, quase mutantes, vivendo entre nós. Mas são os jovens mais perseguidos, agredidos, por aqueles que procuram eliminá-los da vida social, denunciando-os como incapazes para a convivência com os "normais". Descobri, em muitos neuróticos, sobretudo em alguns psicóticos, protomutantes deformados pela violência da repressão familiar e social. Localizamos com facilidade os jovens clientes que estão mais próximos dos protomutantes. Eles gostam e precisam da Soma, sentem-se apoiados pelo nosso trabalho e companheirismo, bem como conseguem, através dela, defender-se da violência do preconceito social. Esses jovens me ajudaram a descobrir a protomutância que havia em mim e a poder desenvolvê-la. (FREIRE, 2002, p. 298-299).

Na sequência, quando aborda sua relação com Nando, já mencionada aqui, Freire afirma:

> Para quem possui em si qualquer grau de potencial protomutante, a convivência com um protomutante quase completo como era o Nando não era nada difícil, passado apenas o espanto inicial. Foi o que aconteceu com meus companheiros no Macunaíma, que logo se afeiçoaram a ele e passaram a me ajudar na criação de um relacionamento do tipo das comunidades terapêuticas inglesas, como a que conheci de David Cooper e Ronald Laing, em Londres. (FREIRE, 2002, p. 314).

Para Freire, a categoria protomutante ainda pode ser utilizada para designar personalidades por quem o autor tem afinidade e/ou admiração, como é o caso de São Francisco de Assis, mencionado em *Coiote* como um "coiote precoce" (FREIRE, 1986, p. 330). No mesmo romance, em dado momento, o personagem Bruxo também compara Coiote a Da Vinci: "Acho que só houve um outro ser humano igual a ele, Rudolf. Leonardo da Vinci. Juro que não é exagero e estou falando em potenciais, não em realizações. Se os seres humanos fossem realmente livres como o Coiote, todos seriam Leonardos da Vinci". (FREIRE, 1986, p. 264).

[13] O local referido é também chamado de "TESÃO – A Casa da Soma" (TESÃO, 1993, p. 2). Compreendemos que a redundância expressa em "pessoas novas e jovens" reflete mais uma vez a ênfase nesta faixa etária como público-alvo da Somaterapia.

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

Ainda em *Coiote*, em outro momento, o padrasto de Coiote, arqueólogo[14], fala-lhe sobre "suas teorias antropológicas" acerca do fenômeno da protomutância, afirmando que "os maiores especialistas do mundo" afirmaram que Coiote era um protomutante e que fazia "parte dos primeiros seres humanos de nossa civilização atual a evidenciarem mudanças radicais no comportamento da espécie... mutações... mutações emocionais e culturais". Na sequência, o arqueólogo afirma ainda que "sempre houve, no passado recente, casos isolados de protomutantes que escandalizaram e encantaram a sociedade", e então cita o caso de Rimbaud[15] (FREIRE, 1986, p. 154-157). Porém, aqui, o personagem arqueólogo se contradiz, pois havia acabado de afirmar, citando Thomas Hanna, que a "mãe" dos protomutantes

> foram todos os organismos de engenharia e tecnologia que trabalharam para dar à luz *uma sociedade tecnológica, uma sociedade pós-industrial, que atinge agora a maturidade*, usando essas suas novas possibilidades para corrigir o descompasso ecológico e a poluição que se originaram de suas bases industriais. (FREIRE, 1986, p. 155, grifo nosso).

Da mesma forma, mesmo que não reconhecêssemos na fala do arqueólogo, e na menção de Rudolf sobre São Francisco de Assis, o posicionamento de Freire, observamos a contradição também em seus ensaios. Praticamente o mesmo trecho que fala sobre a "mãe" dos protomutantes aparece também em *Sem tesão não há solução* (1987, p. 39) e no primeiro volume de *Soma: uma terapia anarquista* (1988, p. 176). No primeiro, inclusive, este trecho aparece como sendo uma citação direta da obra de Hanna, *Corpos em Revolta*. Em Freire (2006), também temos referência aos protomutantes de Hanna como existindo somente após a Revolução Industrial. (FREIRE, 2006, p. 310).

Caberia, em uma análise mais aprofundada sobre este aspecto, o estudo da obra de Thomas Hanna em seu original, o que, infelizmente, devido aos limites e recortes desta pesquisa, não podemos fazer aqui. De qualquer forma, ignorando, portanto, se a contradição apontada existe no discurso de Hanna ou somente no de Freire, em *Tesudos de todo mundo, uni-vos!* (1995), Freire extrapola qualquer aproximação anterior a uma possível conceituação do que seriam os protomutantes, corroborando nossa impressão de que se trata muito mais de

[14] Representado de forma quase estereotípica, usando "uma roupa tipo safári", o arqueólogo fala também sobre sua descoberta de um importante sambaqui na ilha de Marajó, onde havia "restos arcaicos de um cemitério inca" (FREIRE, 1986, p. 153).
[15] O poeta francês aparece também em *Cleo e Daniel* e em várias outras obras de Freire, sempre referido com grande admiração por Freire. O título de sua autobiografia, "Eu é um outro", é inspirado na obra de Rimbaud.

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

um conceito pessoal e vago que corresponde mais a seus jovens clientes, pessoas que compartilham de suas ideias libertárias ou personalidades que o autor admira. Neste livro, citando o termo "super-homem", de Nietzsche, Freire reivindica

> [...] para as pessoas que nascem com potenciais humanos evoluídos e mais adaptados aos próximos séculos o nome de *Homens homens*, imitando as classificações arqueológicas. Os outros, os que existiram até hoje e que desaparecerão em breve, porque não conheceram a liberdade na vida e no amor, eu gosto de considerá-los proto-homens ou *Sapiens sapiens* (classificação científica oficial). Eles serviram de base para o surgimento dos *Homens homens* e que Nietzsche, por não saber ser ele mesmo um destes, exagerou, chamando-os de 'super-homens' [...]. Posso citar exemplos de homens do futuro que existiram nos séculos passados. [...] Vamos lembrar apenas alguns deles no mundo: Leonardo da Vinci, Charles Darwin, Mikhail Bakunin, Van Gogh, Arthur Rimbaud, Picasso, Charlie Chaplin e aqui, Zumbi dos Palmares, Luís Carlos Prestes, Castro Alves, Glauber Rocha. Suas vidas, suas obras e, sobretudo, suas lutas revolucionárias convencem-me da existência de uma modernidade antecipada, como é a dos protomutantes, os novos *Homens homens*. No mundo de hoje, temos dois exemplos indiscutíveis dessa evolução precoce nas pessoas de Charlie Chaplin e dos Beatles. E, no Brasil de agora, quem duvida que Caetano Veloso é um homem do futuro, que é um *Homem homem* [...]? O aparecimento desses gênios que os cientistas costumam chamar de protomutantes, desses homens que vieram do futuro, não é a causa, mas sim a consequência da evolução do seu relacionamento no processo histórico. (FREIRE, 1987, p. 89-90, grifos do autor).

Optamos por deixar esta longa citação para deixar explícito o motivo que nos leva a compreender que, para Freire, a categoria "protomutante" e "*Homens homens*" tratam-se de sinônimos e, portanto, o autor extrapola todas as aproximações à conceituação do termo "protomutante" que analisamos anteriormente, corroborando nossa interpretação de que a categoria "protomutante", embora em tantas obras seja alvo de um esforço de delimitação conceitual, aproxima-se muito mais de uma opinião pessoal de Freire acerca de como são ou deveriam ser os anarquistas de seu ideal de utopia, opinião esta provavelmente compartilhada pelos círculos da Somaterapia.

É válido ainda ressaltar que a ideia de uma revolução de "mutantes", assim como vários outros aspectos da obra de Freire, também não é exclusividade do pensamento de Freire nem da obra de Thomas Hanna. Encontramos equivalentes em referências contraculturais. Segundo Barros, para Timothy Leary, ícone da contracultura estadunidense, o conflito entre os jovens contraculturais e a sociedade conservadora representava mais que um "conflito de gerações":

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

tratava-se de uma "mutação da espécie" (BARROS, 2007, p. 147). Disserta a autora, sobre Leary:

> Acreditava que esses "seres mutantes" eram caracterizados pelo pensamento de negação ao racionalismo engendrado pela sociedade ocidental e valorizavam os sentidos (visão, tato, olfato, audição, paladar) e os poderes da mente, até então pouco conhecidos. Ser mutante, neste contexto, era ter a perspectiva de mudar a vida e a linguagem, de recusar as relações dadas como prontas, de viajar em todos os sentidos da palavra. (BARROS, 2007, p. 147).

Barros também cita a "tendência natural para a experiência mística de consciência cósmica", próxima às filosofias e religiões orientais, que Leary acreditava os mutantes possuírem. Para Macluhan, ainda segundo Barros, o mutante era "um filho da tecnologia contemporânea, principalmente da eletrônica". Além disso, a autora também cita como, para muitos, essa "juventude/mutante" estava relacionada à entrada da Era de Aquarius, o mítico novo tempo esperado pelos jovens contraculturais (BARROS, 2007, p. 147).

Considerações Finais

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, na qual procuramos analisar como surgiu e se desenvolveu uma técnica terapêutica de pretensão anarquista, a Somaterapia, a partir do ideário contracultural dos anos 1970. Neste artigo, procuramos desenvolver e aprofundar uma das muitas pontas que ficaram soltas nesta pesquisa maior: como a categoria *protomutante* na obra de Roberto Freire relaciona-se com sua técnica terapêutica e seus ideais de anarquismo, utopia e revolução. Utilizando-nos principalmente da obra bibliográfica de Roberto Freire como fonte, porém nos ancorando também nas análises já realizadas com base em outras fontes, procuramos desenvolver nosso raciocínio partindo da noção de *utopia* de Freire, aprofundando na categoria *protomutante* e, por fim, analisando a emergência do termo *coiote* como sinônimo direto de protomutante para Freire, porém compreendido por nós como o protomutante específico dos círculos da Somaterapia.

Na análise da noção de *utopia* em Freire, notamos uma perspectiva de sociedade ideal e de revolução muito próximas do ideário contracultural, com a ênfase deslocada dos processos políticos, sociais e econômicos para os aspectos subjetivos, individuais, afetivos e comportamentais da revolução. Ainda nesta análise, percebemos a emergência da categoria *protomutante* servindo para denominar os principais agentes dessa almejada revolução: uma minoria oriunda da classe média que estaria sofrendo mutações genéticas e/ou culturais e, ao

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

ultrapassar a marca dos 5% da população total, fatalmente levaria toda a sociedade a transformar-se.

Embora percebamos na análise das fontes um esforço recorrente de Freire e dos somaterapeutas e simpatizantes em buscar explicações teóricas, racionais e científicas para seus princípios, metodologia e conceitos, como é o caso do termo *protomutante*, compreendemos que esta categoria, principalmente através de seu sinônimo somaterapêutico *coiote*, acaba por abarcar questões muito mais subjetivas em suas caracterizações. Mais que um conceito categoricamente construído, percebemos que os termos *coiote* e *protomutante* refletem também diretamente opiniões e juízos pessoais de Freire, os quais por sua vez remetem a seus ideais de como deveria ser a sociedade do futuro e como são ou deveriam ser seus agentes revolucionários. Compreendemos que o personagem *Coiote*, do romance homônimo, é construído não apenas a partir das pesquisas e referências teóricas alegadas, mas também das próprias opiniões e experiências pessoais de Freire, que muitas vezes antecedem a construção teórica. Como mencionamos na introdução deste artigo, tais questões refletem diretamente outras que encontramos em nossa pesquisa, referentes aos temas da memória e da identidade, principalmente devido à presença recorrente de narrativas autobiográficas ou memorialistas acerca da história da Somaterapia e de seu criador[16].

Compreendemos que o amálgama realizado por Freire em suas definições de protomutância, entre opiniões e juízos pessoais e esforços de conceituação científica, é típico do movimento da contracultura em sua ânsia de síntese. Compreendemos que Freire e os somaterapeutas buscam, através da Somaterapia, um viés alternativo de transformação individual e social, almejando uma sociedade utópica no futuro. Porém, a ênfase nos aspectos subjetivos dessa revolução e em seus alegados atores, os protomutantes, acaba por delimitar o esforço de transformação da Somaterapia aos seus círculos de somaterapeutas e clientes, oriundos principalmente da juventude das classes médias urbanas.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. Um drama em gente: trajetórias e projetos de Pessoa e seus heterônimos. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **O biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 179-242.

[16] Para um debate mais aprofundado acerca dessas questões, cf. Ferraz (2018, p. 25-61).

ARMANI, Carlos Henrique. Reflexões sobre o contexto na história intelectual: entre a virada linguística e o novo materialismo filosófico. **Tempos Históricos**, v. 19, 1. sem. 2015, p. 80-102.

BARROS, Patrícia Marcondes. **"Provocações brasileiras"**: A imprensa contracultural made in Brazil - Coluna Underground (1969-1971), Flor do Mal (1971) & a Rolling Stone Brasileira (1972-1973). Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

BLAU, A. Uncertainty and the History of Ideas. **History and theory**, 50, oct. 2011, p. 358-372.

BOSCATO, Luiz Alberto de Lima. **Vivendo a sociedade alternativa**: Raul Seixas no Panorama da Contracultura Jovem. 2006. 260 p. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta de Morais (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

BOURDIEU, Pierre. O campo intelectual: um mundo à parte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 169-180.

CAPPELARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil**: o underground através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970). 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARVALHO, Cesar Augusto. Mito e contracultura. **Mediações**, Londrina: UEL, v. 12, p. 55-77, 2007.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

COLLOMB, Jean-Daniel. New Beggining: the counter culture in american environmental history. **Cercles**, n. 22, 2012, pp. 54-69.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

FERRAZ, Giovan Sehn. **Somaterapia e Contracultura:** criação e desenvolvimento de uma técnica terapêutica no Brasil dos anos 1970. 2018. 211 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

FREIRE, Roberto. **Cleo e Daniel**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973. (1ª edição: 1966).

FREIRE, Roberto. **Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!**. São Paulo: Símbolo, 1977.

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

FREIRE, Roberto. **Coiote**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

FREIRE, Roberto. **Sem tesão não há solução**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. (1ª edição: 1987).

FREIRE, Roberto. **Soma**: uma terapia anarquista. Vol. 1: A alma é o corpo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

FREIRE, Roberto. **Soma**: uma terapia anarquista. Vol. 2: A arma é o corpo (Prática da Soma e Capoeira). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

FREIRE, Roberto. **Tesudos de todo mundo, uni-vos**. São Paulo: Siciliano, 1995a.

FREIRE, Roberto. **Os Cúmplices**. Vol. 1. São Paulo: JSN Editora, 1995b.

FREIRE, Roberto. **Eu é um outro**. Salvador: Maianga, 2002.

FREIRE, Roberto. [et al]. **O tesão pela vida**: soma, uma terapia anarquista. 1. ed. São Paulo: Francis, 2006.

FREIRE, Roberto.; BRITO, Fausto Reynaldo Alves de. **Utopia e paixão**: a política do cotidiano. 8. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. (1ª edição: 1984).

KAMINSKI, Leon Frederico. Interpretações sobre a contracultura: questões espaço-temporais. In: MATA, Sérgio Ricardo da.; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (Orgs). **Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia**: aprender com a história? Ouro Preto: EdUFOP, 2009.

LIMA, Artemilson Alves de. Excurso sobre o conceito de contracultura. **Holos**, Natal, Ano 29, Vol. 4, p. 183-192, 2013.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Nova Cultural / Brasiliense, 1986.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Trad. Monique Augras. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografia como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 9-48.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. Os *media* e a construção do biográfico: a morte em cena. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 279-309.

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.

ROSZAK, Theodore. *The making of a counter culture:* reflections on the technocratic society and its youthful opposition. New York: Anchor Books, 1969.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História**: uma teoria da história como ciência. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

SIMÕES, Gustavo Ferreira. **Roberto Freire**: tesão e anarquia. 2011. 227 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Benito Bisso. Org.). **O biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 49-70.

SURI, J. The Rise and Fall of an International Counterculture, 1960-1975. **The American Historical Review**, v. 114, n. 1, fev. 2009, p. 45–68. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/ahr.114.1.45>. Acesso em: 5 out. 2017.

TESÃO: Prazer e Anarquia. **Jornal da Soma**. São Paulo, n. 1, nov. 1993. Disponível em: <http://www.somaterapia.com.br/publicaoes/imprensa/>. Acesso em: 14/09/2017.

TESÃO: Prazer e Anarquia. **Jornal da Soma**. São Paulo, n. 2, fev. 1994. Disponível em: <http://www.somaterapia.com.br/publicaoes/imprensa/>. Acesso em: 14/09/2017.

Giovan Sehn Ferraz
Recebido em: 8 de fevereiro de 2018.
Aprovado em: 29 de abril de 2018.